

A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

Eliana da Cunha Lopes (FGS)

elianalatim@yahoo.com.br

Alberto Lopes de Souza (SEEDUC/RJ)

alblopes10@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a prática de produção textual dos alunos em sala de aula. A partir dos textos elaborados de forma espontânea e cotejados com o que prevê a norma padrão da língua portuguesa, pretende-se apontar um caminho alternativo para aproximar o estudante do ensino médio da rede estadual do Rio de Janeiro de práticas textuais produtivas e comprometidas com o rigor formal. O paralelo entre o texto do aluno e o proposto pelo modelo de escrita considerada padrão permite conscientizar o aluno da importância do conhecimento gramatical e dos modos de organização textual e das relações entre o gênero e sua forma para quem escreve. Partindo-se de textos espontâneos e, portanto, descomprometidos com prescrições gramaticais e características dos gêneros textuais, foi possível formar um panorama das condições dos alunos quanto à capacidade de elaborar sua produção textual, possibilitando ao professor elaborar um plano de estudo mais eficiente, direcionando maiores esforços à solução de dificuldades mais prementes na escrita e na leitura de seus alunos. Neste trabalho, serão apresentados alguns resultados positivos que essa prática tem mostrado no ensino de língua portuguesa desenvolvido em turmas da primeira série do ensino médio de uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro. Para a base teórica, apoiou-se, principalmente, nas obras *Aula de Português e Língua, Texto e Ensino*, de Irlandé Antunes, e *A Construção da Argumentação Oral no Contexto de Ensino*, de Roziane Marinho Ribeiro.

Palavras-chave: Produção textual. Ensino médio. Redação. Gêneros textuais.

1. Introdução

As metodologias usadas para o ensino do português em sala de aula têm sido objeto de inúmeras críticas. Fala-se do quão temerário é o ensino da gramática, quando desvincilhado do texto, e da utilização do

texto apenas como pano de fundo para o ensino da gramática. Propõe-se como alternativa a esse método o ensino da gramática como um instrumento para a construção de sentido no texto e a leitura e produção textual como finalidade das aulas de português.

A partir de textos de alunos, elaborados de forma espontânea e co-tejados com o que prevê a norma padrão da língua portuguesa, exemplificada em textos apresentados nos livros didáticos, bem como naqueles legitimados pela mídia impressa, por exemplo, pretende-se apontar um caminho alternativo para aproximar o estudante do ensino médio de práticas textuais produtivas e comprometidas com o rigor formal. É importante ressaltar, no entanto, que embora já tenhamos colhido resultados com essa proposta, estamos ainda em fase experimental.

A nossa experiência nos trabalhos de leitura e produção de texto com os alunos de 1ª série do ensino médio nos fez perceber que, quando partimos da leitura dos vários textos que já produzem, torna-se mais fácil trabalhar outros gêneros textuais, bem como melhorar suas produções, na medida em que, ao compararem seus textos com os trazidos pelo professor, tomam conhecimento de normas e regras até então desconhecidas. Por outro lado, ao verem seus textos valorizados pelo professor, os alunos se sentem mais estimulados, já que percebem que não são uma *tabula rasa*, e assim como foram capazes de produzir seus textos serão capazes de produzir os propostos pelo professor. Além disso, esse primeiro contato do professor com os textos dos alunos permite que se tenha uma noção dos gêneros que já produzem e como estão produzindo, de como estão utilizando os mecanismos gramaticais e o que se deve priorizar no ensino desses instrumentos.

2. Produção textual e currículo mínimo

As exigências feitas no currículo mínimo para a produção textual na 1ª série do ensino médio são de que se trabalhem os seguintes gêneros específicos em cada bimestre do ano letivo:

Produção textual	
Bimestre	Gêneros
1º	Relatos de viagem; edição de crônica a partir de notícia de jornal para publicação em jornal mural ou <i>blog</i> informativo
2º	Charge e tirinha a partir de um acontecimento recente, utilizando os recursos humorísticos estudados; poema paródico de um poema barroco (líri-

	co, satírico ou religioso)
3º	Artigo enciclopédico a partir da pesquisa em fontes de natureza e suporte distintos, sobre o contexto cultural do arcadismo e sua influencia nas manifestações literárias
4º	Reportagem cultural ou esportiva para ser publicada em jornal mural ou <i>blog</i> ; roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou <i>blog</i> .

As metodologias que têm sido utilizadas para o ensino desses gêneros costumam deixar de lado os conhecimentos prévios dos alunos, partindo-se da leitura de modelos de textos legitimados pela escola. Em uma tentativa de inclusão do aluno nessa prática de ensino, propõem-se exercícios que o torne partícipe da construção de sentido desses textos. Essa tentativa de inclusão, sem dúvida, é um avanço em relação aos métodos dedutivos, em que se aplica primeiramente a teoria, sendo o aluno convidado apenas à aplicação dos mecanismos ensinados nos textos a serem produzidos. No entanto, mesmo o aluno participando desse processo de leitura/escrita, ele não está incluído totalmente nessa produção, uma vez que é chamado a construir sentido apenas de textos de outro autor, como se ele, aluno, fosse uma *tabula rasa*, que não produzisse gênero algum, ou que suas produções não fossem significativas para as produções de textos ali propostas. Como diz Antunes,

A atividade da escrita é, então, uma atividade interativa de expressão (*ex*-, “para fora”) de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças, ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. Ter o *que dizer* é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. (ANTUNES, 2003, p. 45)

Sob o mesmo ponto de vista, dizem os PCN (2000, p. 21-22) ao se referirem à prática do texto no ensino médio:

A importância de liberar a expressão da opinião do aluno, mesmo que não seja nossa, permite que ele crie um sentido para a *comunicação do seu pensamento*. *Deixar falar/escrever de todas as formas*, tendo como meta a organização dos textos. (Grifo nosso)

Assim, uma prática pedagógica que se pretenda inclusiva não descarta os substratos, quaisquer que sejam, trazidos pelo aluno.

3. Os gêneros e suas estruturas

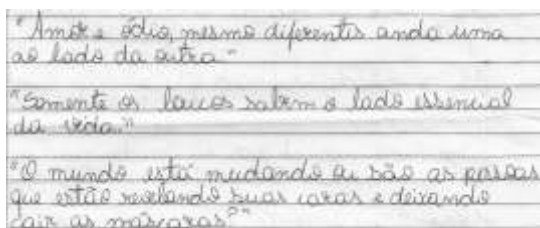
O fato de os gêneros textuais terem características *sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica* (MARCUSCHI, 2007, p. 23), o que os torna diferentes

uns dos outros, não quer dizer que não tenham estruturas parecidas. Ainda segundo Marcuschi, *os tipos textuais são apenas meia dúzia* como: *descritivo, argumentativo, narrativo, expositivo, injuntivo*, sendo qualquer gênero estruturado predominantemente por um deles. Nesse contexto, é possível perceber que a intertextualidade proposta por Bakhtin (2003), acontece não apenas no campo sociocultural, mas também no campo estrutural, já que, em certa medida, os múltiplos gêneros têm sua base estrutural formada por alguns desses tipos textuais.

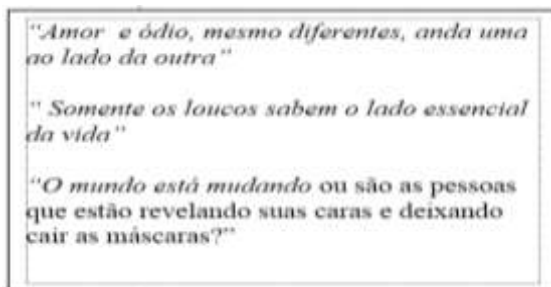
4. Alunos e suas produções

Embora não tenham experiência com os gêneros textuais propostos pela escola, os alunos não estão alheios aos tipos textuais que compõem esses gêneros. Diariamente, a seu modo, escrevem seus diários, suas cartas, bilhetes, passam e-mails, fazem poesia, ensaiam reflexões, letras de música entre outros gêneros como nestes exemplos de produção espontânea de alguns alunos acompanhados de suas respectivas correções:

Texto1



"Amor e ódio, mesmo diferentes, anda uma ao lado da outra"
"Somente os loucos sabem o lado essencial da vida."
"O mundo está mudando ou são as pessoas que estão revelando suas caras e deixando cair as máscaras?"



"Amor e ódio, mesmo diferentes, anda uma ao lado da outra"
"Somente os loucos sabem o lado essencial da vida"
"O mundo está mudando ou são as pessoas que estão revelando suas caras e deixando cair as máscaras?"

Lays (turma 1002)

Texto 2

Intimação

Quero informa ao senhor que o mesmo está sendo intimado a depor bem baixinho no meu ouvido palavras doces e agradáveis caso o mesmo se recuse a comparecer para dar seu depoimento, será obrigado a me acompanhar a qualquer lugar do mundo onde estaremos “eu e você”.

O mesmo esta sendo acusado de me seduzir com seu lindo olhar e seu sorriso e seus beijos. Tenho testemunha Deus que presenciou o ocorrido se seu depoimento não lhe favorecer será preso e condenado a passar não só um dia em meu coração, mais toda a eternidade.

Amanda Lima

Intimação

Quero **infomar** ao senhor
Que o mesmo está sendo intimado
A depor bem baixinho no me ouvido
Palavras doces e agradáveis.
Caso o mesmo se recuse a comparecer
Para dar seu depoimento,
Será obrigado a me acompanhar
Em qualquer lugar do mundo,
Onde eu estiver .
O mesmo está sendo acusado de me seduzir
Com seu lindo olhar
E Seu sorriso, e seus beijos.
Tenho **como** testemunha Deus,
Que presenciou o ocorrido.
Se seu depoimento não **for convincente,***
Será preso e condenado
A passar não só um dia em meu coração,
Mas toda a eternidade.

Amanda (turma 1002)

Texto 3

ENTULHO

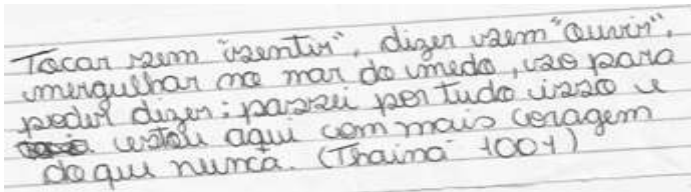
*Se você está bem não sei eu pode-se ver que não
estou desequilibrado em total solidão,
ensaio e interpreto a cena que pedem, mas
extraio a indiferença, vivo com o seu retrato
e memorizo em domínio insensato,
decorei o tanto que vivi em lágrimas infinitas,
de príncipe fez-me sapo feio e hostil
transformado em um ser único, pequeno e vazio,
fez coisas grandes de coisas pequenas e não
consegue, não procura resolver
os teus problemas,
esse amor que é ENTULHO já foi VIRTUDE.*

ENTULHO

*Se você está bem não sei eu,
Pode-se ver que não estou desequilibrado
Em total solidão,
Ensaio e interpreto a cena que pedem,
Mas extraio a indiferença, Vivo com o seu retrato
E memorizo em domínio insensato,
Decorei o tanto que vivi em lágrimas infinitas,
De príncipe fizeste-me sapo feio e hostil
Transformaste-me em um ser único, pequeno e
vazio, Fizestes coisas grandes de coisas pequenas
E não consegues, não procuras resolver
os teus problemas,
Esse amor que é ENTULHO já foi VIRTUDE.*

Rycher (turma 1001)

Texto 4 Thainá (t.1001)

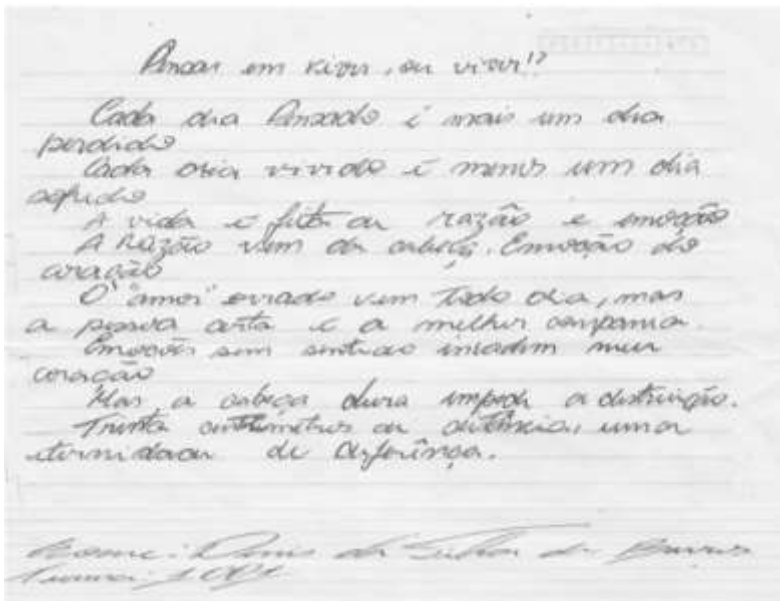


Tocar sem sentir, dizer sem "ouvir",
mergulhar no mar do medo, só para
poder dizer: passei por tudo isso e
estou aqui com mais coragem
do que nunca. (Thainá 1001)

Tocar sem sentir, dizer sem ouvir,
Mergulhar no mar do medo,
Só para poder dizer:
Passei por tudo isso
E estou aqui com mais coragem do que nunca

(Thainá - Turma: 1001)

Texto 5



Anos em viver, ou viver?
Cada dia perdido é mais um dia
perdido
Cada dia vivido é mais um dia
vivido
A vida é feita de razão e emoção
A razão vem do cérebro, emoção do
coração
O amor invade um todo o dia, mas
a pessoa está e a melhor companhia.
Emoções sem sentido matam meu
coração
Mas a cabeça dura impede a distinção.
Trinta centímetros de distância, uma
separação de afinação.

Como: Dons de Sílvia de Barros
Turma: 1001

Pensar em viver, ou viver?

Cada dia pensado é mais um dia perdido

Cada dia vivido é mais um dia sofrido

A vida é feita de razão e emoção

A razão vem da cabeça

Emoção, do coração.

O amor errado vem todo dia,

Mas a pessoa certa é a melhor companhia.

Emoções sem sentido invadem meu coração.

Mas a cabeça dura impede a destruição.

Trinta centímetros de distância,

Uma eternidade de diferença.

Dênis (turma 1001)

Texto 6

Explicando o que é o amor,
não tem explicação exata, só sei
que o amor faz você sentir saudade,
sentir o coração bater forte quando
vê a pessoa, o amor faz bem, como
as vezes machuca muito, faz você
perder o sono, até vê o seu
futuro junto aquela pessoa.
É imaginar quantos filhos
terá com ela, faz você querer
fazer coisas palacianas "até que
a morte não separe" a realidade, e
vê só aquela pessoa que você
quer, mas ela não pra mais ninguém.
Eu senti o amor e é bom, cativante!
porém eu tem o seu lado escuro e
soltório

Opk. Turma 1001

Explicando o que é o amor

Não tem explicação exata, só sei
 que o amor faz **você** sentir saudade,
 Sentir o coração bater forte **ao**
 ver a **pessoa amada**. O amor faz bem, mas às
 vezes machuca muito...
 Faz **você perder** o sono. **Você** vê o seu futuro
 junto **àquela** pessoa
 e imagina quantos filhos
terá com ela faz **você** querer
 fazer dessas palavras, "até que a morte nos
 separe", a realidade. E é **só** aquela pessoa que
você quer, não olha pra mais **ninguém**.
 Eu senti o amor e é bom! Cativante!
Porém, tem o seu lado escuro e solitário.

Gabi (turma 1001)

Texto 7 Luiz Carlos (turma1001)

04/06/13

Nome: Luiz Carlos Silva Moraes 1001

Aprendi que se aprende ouvindo, que crescer não
 significa fazer aniversários; que o silêncio é a melhor
 resposta quando se ouvir uma bobagem; que amigos
 na gente conquista mostrando o que somos, que os
 verdadeiros amigos vão com você até o fim. Que não
 se espera a felicidade chegar, mas se procura por
 ela; que quando pensa saber de tudo ainda não
 aprendi nada. Que a natureza é a coisa mais bela
 na vida. Que um só dia pode ser mais importante
 que muitos anos. Que ouvir uma palavra de carinho
 faz bem à saúde. Que sonhar é preciso; que se desejar
 criança a vida toda. Sabe porque tudo isso? Porque
 nós não somos livres, porque Jesus Cristo não perdoe nada
 em nome do amor.

Aprendi que se aprende errando; que crescer não significa fazer aniversário; que o silêncio é a melhor resposta quando se **ouve** uma bobagem; que amigos a gente conquista mostrando o que somos; que os verdadeiros amigos vão com **você** até o fim... ; Que não se espera a felicidade chegar, mas **procura-se** por ela; que quando penso saber de tudo, ainda não aprendi nada; que a natureza é a coisa mais bela na vida; que um só dia pode ser mais importante que muitos anos; que ouvir uma palavra de carinho faz bem **a** saúde; que sonhar é preciso; que se deve ser criança **a** vida toda. Sabe por que tudo isso? Porque nosso ser é livre; porque Jesus Cristo não proíbe nada em nome do amor.

(Luiz Carlos - turma 1001)

Texto 8

Salvoia Potaiual Professor Ernesto Takua
Rio de Janeiro, 09 de Junho de 2013.

Nome: Luiz Rodrigues T. 1001/Martha

Ser quem

Ser quem é abrir as portas,
Abrir a felicidade
Não é perder o encanto
Aquela magia de ser criança

Ser quem é querer estar aqui,
E lá ao mesmo tempo
Ser quem é ter momentos felizes
Felizes e adaptados da vida, mesmo que isso
Seja utópico.

Ser quem é estar com os amigos,
E voltar a ser criança
E viver o momento que jamais voltará
E amar e brigar sempre com a pessoa amada

Ser quem é viver sem medo
E ultrapassar obstáculos
E viver sem compromissos com a vida
E ser diferente uns dos outros

Porque ser quem é ouvir, dizer de verdade
que diz ser

Ser jovem
Ser jovem é abrir os braços
Para a felicidade
E não perder o encanto,
Aquela magia de ser criança

Ser jovem é querer estar aqui
E lá ao mesmo tempo.
Ser jovem é ter momentos tristes,
Felizes e idiotas da vida,
Mesmo que isso seja estranho.

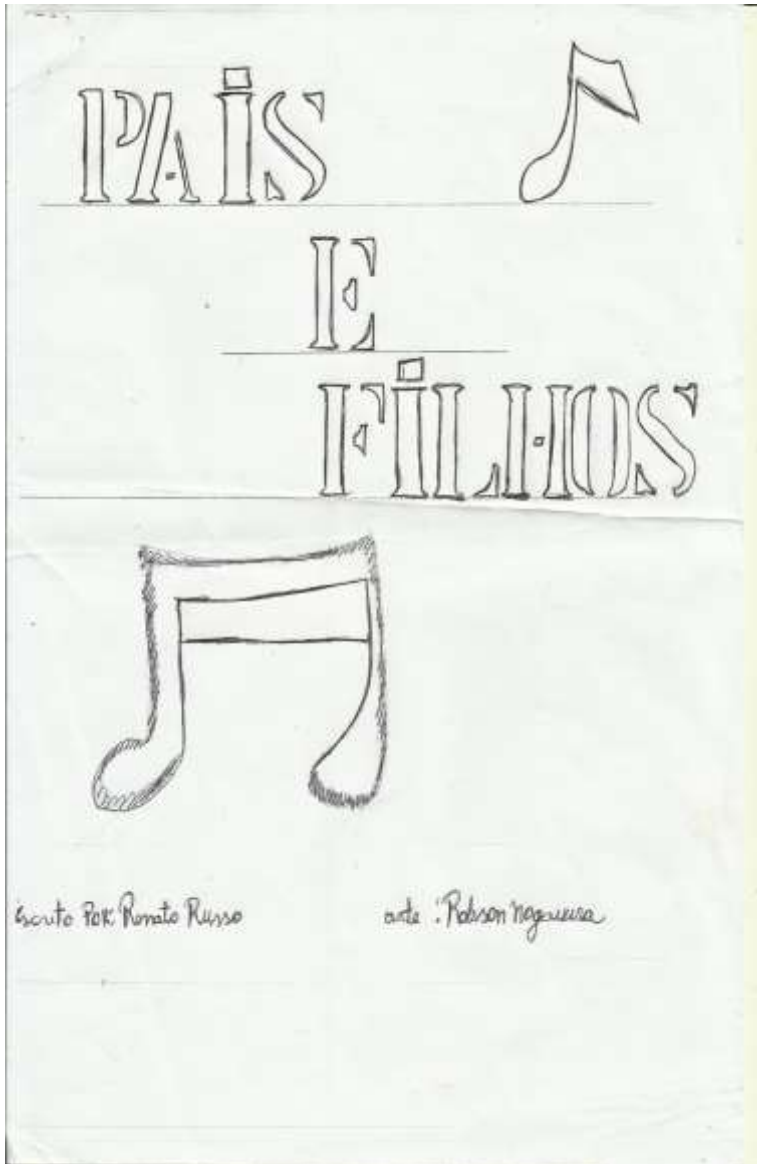
Ser jovem é estar com os amigos,
É voltar a ser criança.
É viver o momento que jamais voltará,
É amar e brigar sempre com a pessoa amada.

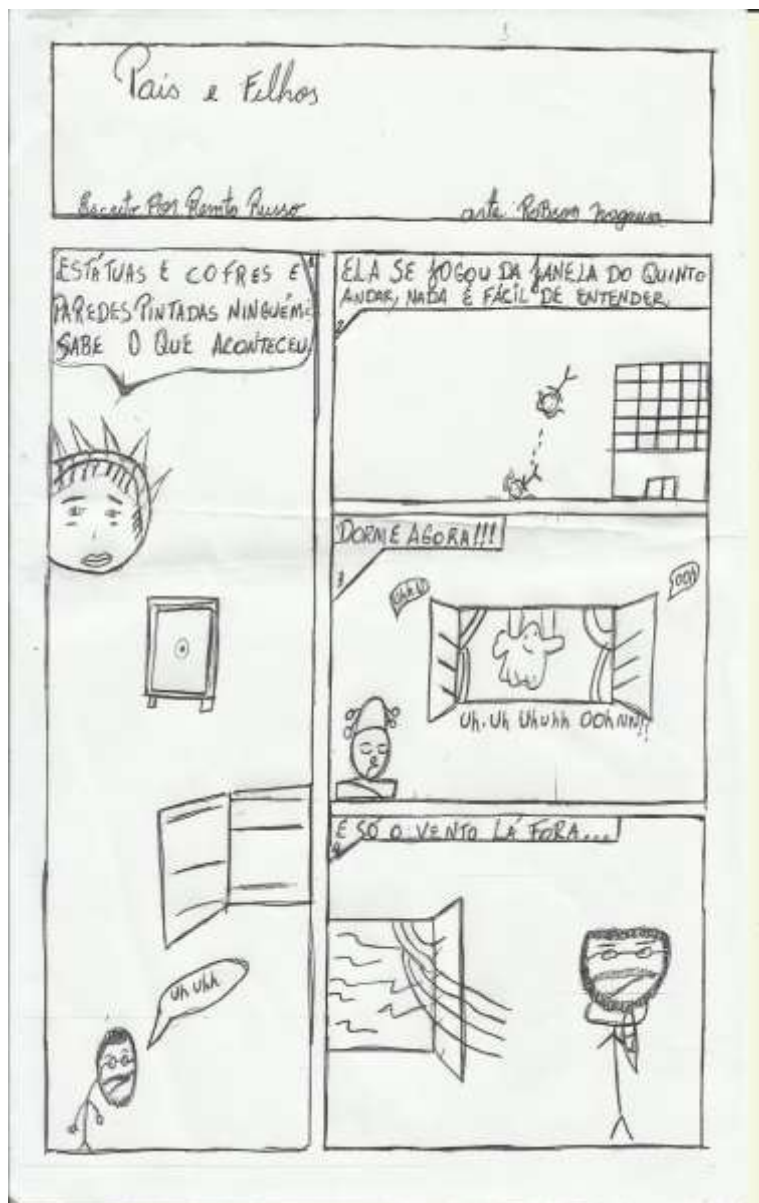
Ser jovem é viver sem medo,
É ultrapassar obstáculos,
É viver sem compromisso com a vida,
É ser diferente uns dos outros.

Ser jovem é assim...
Viver da maneira que deve ser.

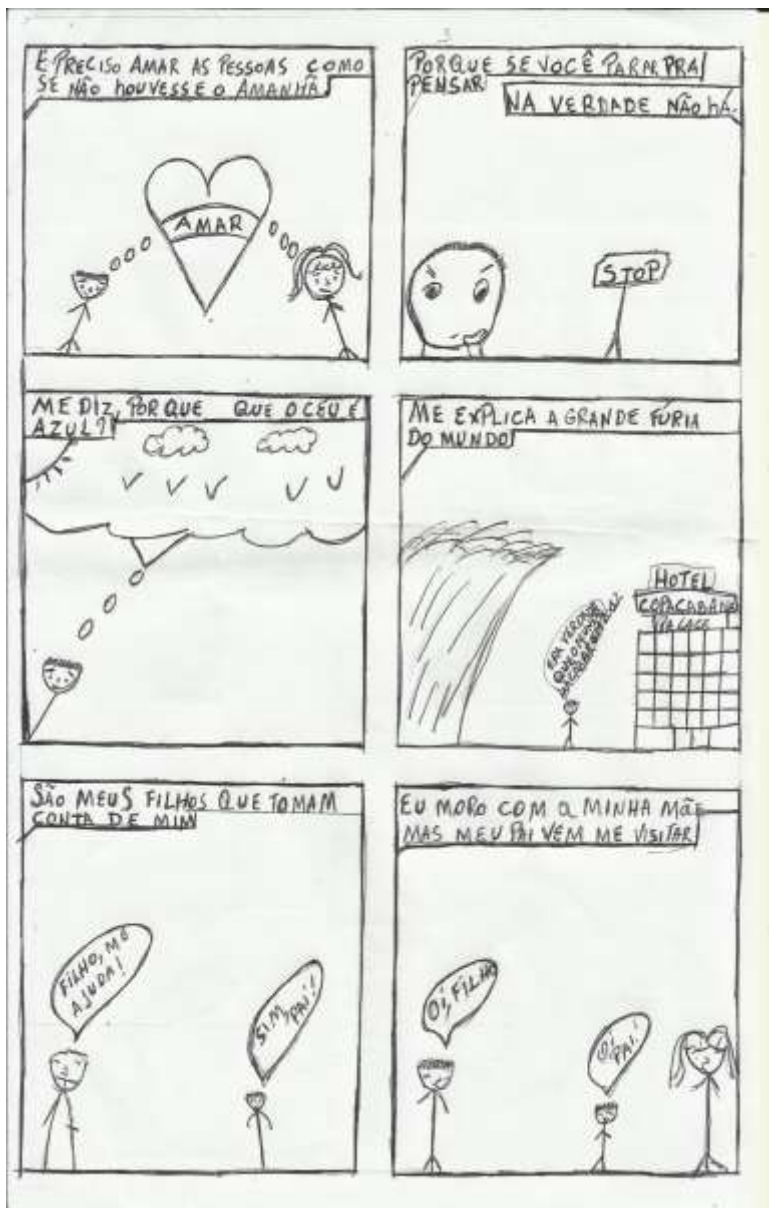
Texto 8 Lays Rodrigues (turma 1002)

Texto 9 Robson (turma 1001)

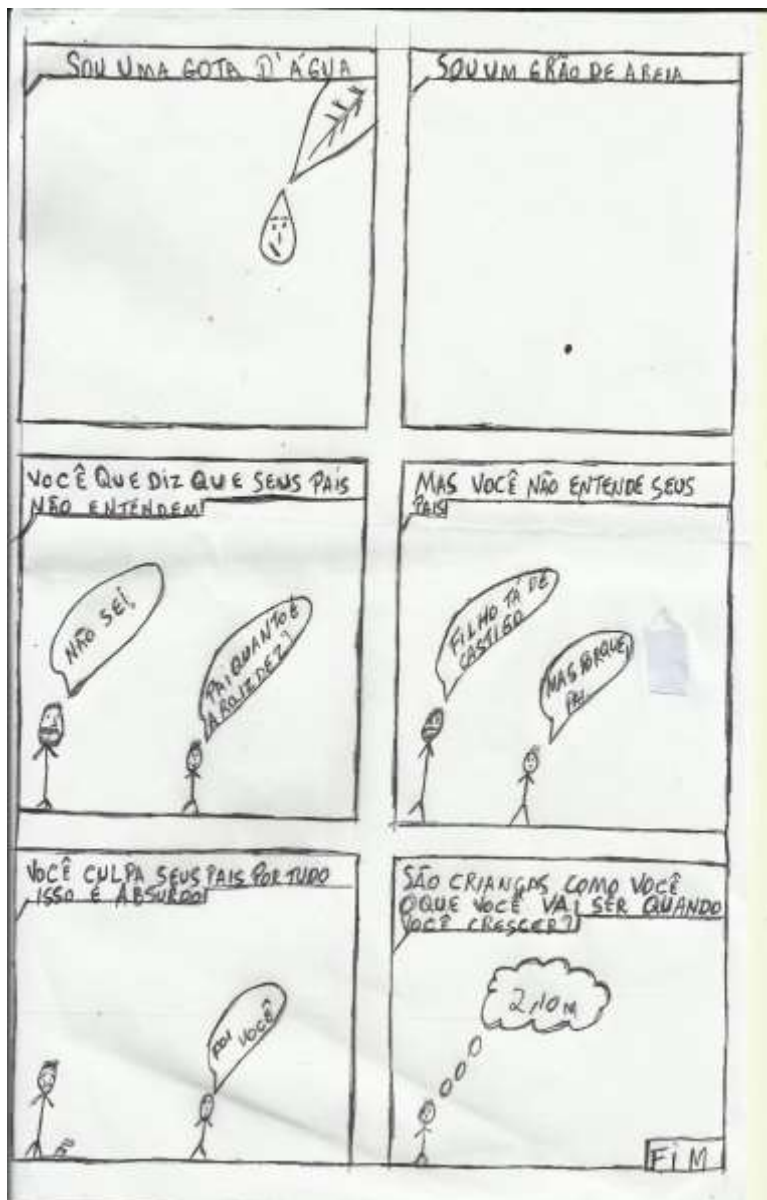












(Robson – turma)

Conforme se vê, há entre esses textos um do gênero provérbio (texto 1), seis do gênero poema (textos 2, 3, 4, 5, 6 e 8), um do gênero reflexão (texto 7) e um do gênero quadrinho (texto 9). É possível também observar que, nos textos 1, 2, 3, 5, 6, 7 e 8, predomina o tipo textual expositivo; no texto 4, o injuntivo; e, no 9, o tipo narrativo. Ademais, os textos 1, 5 e 9 não apresentam erros gramaticais. Já os textos 2, 3, 4, 6, 7 e 8 apresentam erros ortográficos, de regência, de inadequação vocabular, de pontuação, de conjugação verbal, de emprego de pronomes e de sintaxe.

Embora haja algumas falhas gramaticais e textos sem um formato específico, podemos constatar a criatividade desses autores, que vai desde a escolha temática e ressignificação genérica, observadas nos textos 2 e 9, até as reflexões, contidas nos demais. Isso é suficiente para entender esse aluno como alguém que tem uma experiência, ainda que incipiente, com vários tipos de textos e que, embora não conheça as especificidades dos textos propostos pela escola, tem algo a dizer.

Além da autoestima criada no aluno produtor desses textos e na turma como um todo, já que todos se sentirão potenciais escritores, vendo sua escrita e a de seus colegas em evidência, é importante levar em consideração que esse conhecimento prévio servirá de base para o ensino dos gêneros propostos pelo currículo mínimo, já que estes, embora sejam de gêneros diferentes, também são compostos pelos mesmos tipos textuais dos textos aqui analisados.

5. Como abordar as produções espontâneas na sala de aula

Na maioria das vezes, as produções dos alunos são alvo apenas de correções. Há quase sempre a preocupação do professor em encontrar erros gramaticais, estruturais e até falhas de coerência. Sem dúvida, essas observações são importantes para que o aluno venha a evoluir na sua produção de textos, mas é necessário levar em consideração que, além dessas falhas formais, o texto, como vimos na seção anterior, carrega temas e reflexões que também devem ser postos em evidência em sala de aula como se fosse um texto canônico. Por isso, é preciso valorizar, sobretudo, o conteúdo. Os erros, quaisquer que sejam, devem ser apontados com menor relevância que os acertos, quaisquer que sejam. Esses erros cometidos devem ser sanados com a discussão de teorias e por baterias de exercícios que abordem essas formalidades. Na nossa experiência em sala de aula, foi possível perceber que os alunos que viram seus textos

sendo valorizados por nós, quando os líamos para a turma, comentando-os de forma positiva, passaram a produzir em maior escala e com mais qualidade.

6. *Um paralelo com os textos canônicos*

Ao produzirem seus textos espontaneamente, os alunos, na maioria das vezes, o fazem de forma não planejada. Preocupados apenas com a exposição do conteúdo, não levam em consideração o critério da intencionalidade, que permite a eles lançar mão de todos os meios para atingir seus objetivos (CARNEIRO, 2004, p. 44). Por isso, ao escreverem seus poemas, não se importam com a disposição dos versos, com a seleção vocabular, com os recursos sintáticos, com a exploração do recurso de imagens, com a intertextualidade que podem fazer com textos conhecidos de seus possíveis leitores, cumprindo, assim, a regra da aceitabilidade e possibilitando a estes a atribuição de mais coerência a seus textos (CARNEIRO, *idem*).

É para alertá-los quanto à importância desses recursos que devem entrar em cena os textos canônicos. Ao serem apresentados aos alunos, é importante mostrar a eles o projeto de escritura que há subjacente a esse texto: em que época foi escrito, para que tipo de leitor, qual a temática abordada, que mensagem o texto quer passar e quais os recursos utilizados pelo escritor. A seguir, apresentaremos um texto modelo acompanhado de sua análise, que pode servir de exemplo desse tipo de abordagem:

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.

Minha mãe ficava sentada cosendo.

Meu irmão pequeno dormia.

Eu sozinho menino entre mangueiras

lia a historia de Robson Crusóé,

comprida a historia que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
chamava para o café.

Café preto que nem a preta veia

café gostoso

café bom.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim
-Psiu... Não acorde o menino
Para o berço onde pousou um mosquito
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda

E eu não sabia que a minha história
era mais bonita que a de Robson Crusóé

(Carlos Drummond de Andrade)

É importante mostrar ao aluno que o poema “Infância” é antes de tudo uma ode ao modo de ser do brasileiro num ambiente distante no espaço e no tempo. Enquanto uma parcela da sociedade se envergonhava — nos anos 30, momento em que o poema foi escrito —, da característica caipira do brasileiro que vivia alheio aos valores estéticos eurocêntricos, o poeta cria um clima de identidade nacional enxergando o que há de belo nos costumes mais corriqueiros da sua infância. Nesse caso, vale a pena informar que fazia parte do projeto dos escritores da época a retomada dos valores nacionais iniciadas pelos românticos e abandonadas pelos parnasianos.

Após essa etapa, devem-se apontar os recursos de que o poeta se valeu para aguçar a imaginação do leitor ao transportar aquelas cenas para o presente através de imagens visuais:

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
minha mãe ficava sentada cosendo
meu irmão pequeno dormia
Eu (...) entre mangueiras
lia as histórias de Robson Crusóé;

imagens sonoras:

Uma voz(...)
Chamava para o café; imagem gustativa: “café gostoso”
“café bom”.

Além disso, a narrativa em pretérito imperfeito (“*montava*”, “*ficava sentada*”, “*Lia*”, “*chamava*”) faz com que as ações descritas nesse espaço diegético não representem um acontecimento que se concluiu no passado, mas que se estende até o presente através da memória do eu-

lírico. A metonímia “*uma voz*” sugere a *despersonificação* de alguém, “*que aprendeu a ninar nos longes da senzala*”, e que não desfrutava os mesmos prazeres do enunciador, já que, enquanto este se divertia, aquela cuidava dos serviços da casa.

O poeta também se utiliza de versos livres para narrar sua história, imprimindo nestes uma linguagem que era típica do ambiente que descreve na poesia “*comprida história que não acaba mais*”, “*e dava um suspiro... que fundo!*”, além de descrever o galopar de seu pai e a latitude da fazenda por meio da cadência regular e do encadeamento dos versos:

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

Recursos esses que caminham para a formação de uma imagem audiovisual da paisagem e ações descritas, caracterizando o poema como uma representação icônica da realidade. Deve-se mostrar como se dá a representação icônica apresentando a prosódia dos versos:

Lá **longe** meu **pai** campeava
no **mato** sem **fim** da **fazenda**.

Quanto ao seu conteúdo, é possível perceber no poema uma certa insatisfação do eu-lírico com o momento em que vive, já que faz uma fuga para o passado. A valorização dos costumes da época de sua infância talvez seja uma forma de mostrar que o narrador não se identifica com o grupo social que, no tempo em que escreve, não representava a *cor local*. Imperava a forma de vida baseada na linguagem, na moda e nas etiquetas europeias, sobretudo as da França. Ademais, o poeta era um dos elos da corrente modernista que propunha uma nova estética voltada para os hábitos e costumes dos nativos. É nesse contexto que passa a valorizar a sua história, que “*era mais bonita que a de Robson Crusóé*”. Ao afirmar, no tempo presente, que a sua história era melhor do que a que lia, o poeta sugere que a valorização do que vem de fora em detrimento do que é local se dá por falta de auto-observação.

Vale a pena apontar também o conhecimento enciclopédico do poeta, dialogando com outras épocas, já que a fuga para o passado não é uma inovação do poeta Carlos Drummond. Já os românticos se utilizavam desse recurso para também fugir à vida insatisfatória que levavam. Assim, o poema “*Infância*” faz paralelo com “*Meus oito anos*”, de Casimiro de Abreu. No segundo poema, o poeta se propõe a descrever as ações e costumes distantes no tempo e no espaço, e apresenta no texto o tema da infância, já resumido no título “*meus oito anos*” e nos versos

“(...) aurora da minha vida”, “despontar da existência”, “— respira a alma inocência”. No poema de Casimiro, também há uma valorização do modo de vida prosaico das pessoas em um ambiente bucólico (“o céu bordado de estrelas / A terra de aromas cheia”). Assim o poeta Carlos Drummond dialoga com o romantismo, que também tinha como proposta a construção de uma identidade nacional.

Depois de observar esses apontamentos, o aluno é convidado a elaborar o seu texto de forma mais planejada e entende que os aprendizados linguísticos não são descartáveis, já que podem auxiliá-lo tanto na interpretação quanto na produção de seus textos. Depois disso, o professor fica mais à vontade para ministrar as aulas de gramática bem como para convidar seus alunos para produzir os gêneros propostos pelo currículo mínimo, já que eles passam a perceber a importância desse conhecimento enciclopédico para melhorar tanto a sua escrita quanto a sua capacidade de interpretar.

7. Uma proposta didática

As atividades com textos espontâneos devem durar todo o ano letivo. Para que haja êxito nesse intento, proporemos aqui um passo a passo como sugestão de trabalho:

- 1º Pedir aos alunos que tragam quaisquer produções que tenham feito fora da sala de aula, independentemente do gênero.
- 2º Escolher sempre entre dez e quinze minutos da aula para a leitura desses textos, com a permissão de seus autores, comentando o que há de positivo neles.
- 3º Trazer textos do mesmo gênero, de escritores consagrados, e fazer comentários sobre os recursos que tornaram seus textos ricos de sentidos.
- 4º Preparar exercícios que coloquem esses textos em paralelo, pedindo que apontem suas semelhanças e diferenças, além de apontarem se o texto está em 1ª ou 3ª pessoa, qual o destinatário desse texto, se está escrito em verso ou em prosa, qual o tipo textual predominante nesses textos, se é um texto objetivo ou subjetivo, qual o tempo verbal predominante, qual a intenção de cada escritor etc.

- 5º Comparar os textos do currículo mínimo, de acordo com a proposta de produção para cada bimestre exposta no cronograma, com essas produções paralelas, observando a forma e a finalidade de cada um desses gêneros.
- 6º Criar um *blog* em que os textos dos alunos possam ser publicados.

8. *Considerações finais*

A valorização dos textos espontâneos produzidos por alunos é de suma importância para a produção/leitura de textos propostos pela escola. Ao ter sua autoestima elevada ao ver suas produções em evidência, os alunos sentem-se mais seguros para enfrentar outros desafios propostos pelo professor. Para que o aluno conheça melhor os objetivos da escola, é necessário que a escola conheça melhor seus alunos. Ao se familiarizar com o que o aluno traz na sua bagagem cultural, o professor se antecipa quanto às providências a serem tomadas, planejando-se para as aulas a serem ministradas, já que sabe o que estão produzindo e como estão produzindo. Com isso, ganha a escola, ganha o professor, ganha o aluno e ganha a sociedade, uma vez que terá sido cumprida a finalidade principal das aulas de Língua Portuguesa: ampliar a competência comunicativa dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Linguagens, códigos e suas tecnologias. [Brasília], 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>.

CARNEIRO, Augustinho Dias. *Redação em construção*. São Paulo: Moderna, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela et al. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

RIO DE JANEIRO. *Currículo mínimo: língua portuguesa e literatura*.
Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro,
2012.